

28-05--2021

SÓ AS MÃES SÃO FELIZES (?)

Bruno Chapadeiro

[Professor do PPG em Psicologia da Saúde – UMESP]

“Você nunca ouviu falar em maldição, nunca viu um milagre, nunca chorou sozinho num banheiro sujo, nem nunca quis ver a face de Deus” assim cantou o saudoso cantor Cazuza (1958-1990) inspirado no *Scattered Poems* do escritor beatnik Jack Kerouac (1922-1969) sobre a possível passagem incólume das mães nesta vida.

Mas será mesmo que cabe às mães apenas existir de forma tão plena? Padecer no paraíso? Os estudos sobre divisão sociosexual do trabalho nos mostram que a questão é bem mais complexa. Sabendo de minha posição de privilégios em nossa sociedade por ser homem cis gênero e jamais poder experimentar em meu corpo o que é ser mulher, a maternidade em si etc., parafraseio a psicanalista Vera Iaconelli, diretora do Instituto Gerar, para justificar a escolha de meu tema nessa coluna: “(...) *lugar de fala diz respeito a deixar claro de saída de que lugar você está falando sobre qualquer assunto, caso contrário tratar-se-ia de, desculpem o uso de licença poética que tem circulado, ‘lugar de cala’*”. Dito isso, é como homem, ou melhor, um homem - no singular, pois não há como representar “Os” homens - que busco postar-me ao lado de discussão tão importante que merece a atenção de todas e todos.

As mulheres dedicam em média 18,5 horas semanais aos afazeres domésticos e cuidados de pessoas, na comparação com 10,3 horas semanais gastas nessas atividades pelos homens segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios - Pnad Contínua, calculada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, que, também mostrou que a pandemia imposta pelo novo coronavírus, deixou mais da metade das brasileiras fora do mercado de trabalho, sendo cerca de 8,5 milhões de pessoas.

Gordon (2020) nos diz que na maioria dos lares heterossexuais com dois salários e filhos, as desigualdades salariais históricas significam que o trabalho das mulheres é geralmente menos remunerado. Assim, se alguém tem que dedicar o dia ao cuidado de crianças em tempo integral, faz sentido economicamente que ela o faça.

O Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada - IPEA em 2019 já apontava que 48% das mulheres já são responsáveis pela renda familiar da casa. Contudo, o estudo Sem Parar – o trabalho e a vida das mulheres na pandemia, da Sempreviva Organização Feminista (SOF) publicado no ano passado, mostrou que cerca de 40% delas afirmaram que a pandemia e a situação de isolamento social colocaram a sustentação da casa em risco.

O racismo estrutural fica estancado na mesma pesquisa: 58% das mulheres desempregadas são negras.

Thomas, Benzeval e Stansfeld (2007) já explicitavam que é justamente o fator renda, o principal mediador entre, por exemplo, a inserção no mercado de trabalho e a saúde mental feminina. Lima, Senicato e Barros (2017) demonstram que os Transtornos Mentais e do Comportamento - TMCs acometem 13,4% das trabalhadoras brasileiras, fazendo-se presente duas vezes mais nas mulheres com menor nível socioeconômico e de baixa escolaridade. Capellano e Carramenha (2019) expõem que o sofrimento psíquico e adoecimento mental tem sua maior incidência justamente entre mulheres negras: 85%.

Rogers & De Boer (2001) já apontavam que, ter uma renda pessoal aumenta a autonomia financeira da mulher e contribui também com a renda familiar, sendo significativamente favorável à felicidade conjugal e ao bem-estar. Ou seja: renda, trabalho e escolaridade são fatores protetivos à saúde mental das mulheres, ainda mais na maternagem. Como ter alta escolaridade e, consequentemente, postos de trabalho bem remunerados e com boas condições (lembrando que elas têm remuneração em média, 76% da masculina e que, mulheres negras, recebem ainda menos: 43% dos salários dos homens brancos) se, por exemplo, dados recentes da Associação Nacional de Pós-Graduandos (ANPG) apontam que 82% das/os pós-graduandas/os tiveram dificuldade no desenvolvimento da dissertação ou tese durante a pandemia e que apenas 11% conseguiram ter êxito.

Pós-graduandas negras que tem filhos, foram apenas 9,9% dos casos. Estudo do grupo *Parent in Science* mostra que 66% das pós-doutorandas com filhos, não conseguiram submeter seus artigos nesse período, contra 41,6% de homens com filho. O já mencionado estudo da SOF, denotou que 50% das brasileiras passaram a cuidar de alguém na pandemia e 72% afirmaram que a necessidade de monitoramento e companhia aumentou.

Um recente estudo da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul - UFMS mostrou que quase 84% das mães sentiram maior sobrecarga em cuidar dos filhos durante a pandemia. Dentre as 822 mulheres entrevistadas, das quatro regiões do país, 25% apresentaram sintomas depressivos; 26,7% apresentaram sintomas de ansiedade; 22% de estresse e 39% apresentaram estresse pós-traumático. De acordo com Araújo e Lua (2021) uma proporção maior de mães do que pais declarou também dificuldades em realizar o teletrabalho (agora por exemplo garantido pela Lei 14.151/2021 às trabalhadoras gestantes durante a pandemia de covid-19 sem redução de salário) em função da necessidade de cuidar das crianças o que reitera a ampliação da divisão desigual de trabalho doméstico por gênero.

continua

A sobreposição/conflito de funções profissionais e familiares, associada ao aumento das demandas e à falta de apoio, crescem e intensificam estressores e riscos psicossociais, que podem produzir sofrimento psíquico e transtornos mentais. Há também evidências de associação entre conflito trabalho-família e consumo abusivo de álcool, transtornos alimentares, exaustão e distúrbios do sono. Também o trabalho remoto associado às medidas de distanciamento social elevaram o tempo de convívio dentro da casa, estando relacionado ao aumento da violência doméstica durante a pandemia. Enfim, como dissemos, novas questões emergem com a pandemia. Quais demandas surgem nesse novo arranjo produtivo-reprodutivo? Trata-se de questão deveras complexas que, porém, devem ser trazidas à tona por todas e todos estudiosas(os) da Saúde do Trabalhador e da Trabalhadora no sentido de questionar o machismo e o patriarcado, como elementos inerentes à reprodução do capital. Com todo o exposto, a ironia provocadora de Cazuza ainda se faz presente nesses tempos pandêmicos: só as mães são felizes (?). ■ ■ ■

Referências

- Araújo, TM de; Lua, I. O trabalho mudou-se para casa: trabalho remoto no contexto da pandemia de COVID-19. *RBSO*. SP, v. 46, e27, 2021.
- Capellano, T; Carramenha, B. *Trabalho e sofrimento psíquico*: Histórias que contam essa História. SP: Atarukas Produção Editorial, 2019.
- Gordon, R. O futuro pode ser feminino, mas a pandemia é patriarcal. In: Roqueta, M. et al: *Coronavírus, gênero e a luta de classes*. Brasil: Terra sem Amos: 2020, p. 27-36.
- Iaconelli, Vera. Carta aos homens – a masculinidade a partir do lugar de fala de uma mulher. *Folha de S. Paulo*. Edição de 3. nov. 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/vera-iaconelli/2020/11/carta-aos-homens.shtml>. Acesso em 22 mai 2021.
- Lima, MG; Senicato, C; Barros MBA. Saúde e bem-estar de mulheres trabalhadoras: diferenciais por nível de escolaridade. In: Iguti, AM; Monteiro, I. *Saúde e trabalho de mulheres*: gênero como determinante de desigualdades sociais. Campinas: UnicampBFCM, 2017, p. 13-27
- Thomas C; Benzeval M; Stansfeld S. Psychological distress after employment transitions: the role of subjective financial position as a mediator. *J Epidemiol Community Health*, 2007;61:48-52.
- Rogers SJ; De Boer DD. Changes in wives' income: effects on marital happiness, psychol. well-being, and the risk of divorce. *JMF* 2001;63(2):458-72.

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.